

## O PROBLEMA METODOLÓGICO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS

**George Browne**

Professor Titular aposentado  
da UFPE. Ex-Reitor da UFPE.  
Pós-doutor pela Universidade  
de Oxford e Frankfurt.  
Professor Titular da Faculdade  
Damas.

**Resumo.** Este artigo se volta para as construções metodológicas paradigmáticas da interpretação da cultura brasileira. Com ele tem-se o objetivo de compreender, na gama de problemas que circundam a história do povo brasileiro, as razões mais íntimas que lhes deram origem.

**Palavras-chave.** Cultura. Metodologia. Interpretação.

**Abstract.** This article turns to the paradigmatic methodological constructs the interpretation of Brazilian culture. With it has become the goal of understanding the range of issues surrounding the history of the Brazilian people, the more intimate reasons that gave rise to them.

**Keywords.** Culture. Methodology. Interpretation.

### 1. INTRODUÇÃO

As obras de Sérgio Buarque de Holanda, em particular “Raízes do Brasil”, a de Raymundo Faoro “Os Donos do Poder”, a de Caio Prado Júnior “Formação Econômica do Brasil” e a de Gilberto Freyre Casa-Grande Senzala, “Sobrados e Mocambos” e “Ordem e Progresso representam construções metodológicas paradigmáticas voltadas à interpretar a cultura brasileira. A preocupação comum que as caracteriza é a de tentar compreender, na gama de problemas que circundam a história do povo brasileiro, as razões mais íntimas que lhes deram origem; e, para tanto, a abordagem multidisciplinar foi, de uma forma ou de outra, constantemente utilizada por eles.

Destaque especial, nessa plêiade de pensadores sociais é conferido ao antropólogo e humanista Gilberto Freyre. A razão desse destaque, não é a de minimizar as demais relevantes contribuições para o entendimento da problemática cultural brasileira. Mas ela se justifica em função da sua íntima correlação com o tema deste trabalho. É que Gilberto, mais do que qualquer outro, soube magistralmente

haurir e introduzir na sua pesquisa aspectos relativos ao método pragmático, seja do ponto de vista da sua pertinência interdisciplinar, seja quanto à contribuição que a Antropologia – analogamente ao que ocorreu com James – trouxe para formação do seu modelo interpretativo da cultura brasileira, como se verá mais tarde. Nesse sentido, parece oportuno dispensar, ainda que “en passant”, algumas sucintas considerações em torno da abordagem gilbertiana, com o propósito de mais adequadamente ilustrar sua familiaridade com o pragmatismo. Senão vejamos:

Do ponto de vista metodológico, a obra de Gilberto está impregnada pela interdisciplinaridade; nela, achados das modernas ciências são permanentemente contrastados com os saberes oriundos da história, da literatura, das artes, dos mitos, da religião, enfim, das humanidades de modo geral. Foi certamente em função das dúvidas e incertezas decorrentes desse confronto que Gilberto Freyre no seu livro “Sobrados e Mocambos” delineou um esboço da sua

metodologia que denota a aludida afinidade com os postulados do pragmatismo, sobretudo em relação à sua natureza relativista e sua impossibilidade de exaurir uma acabada compreensão histórico-cultural do humano. Ao procurar demonstrar como a coexistência de elementos psicológicos, estéticos, filosóficos sociológicos, entrelaçados às categorias lógicas das ciências, culmina por trazer à compreensão histórica de uma cultura mais perplexidades do que evidências, mais mistérios do que revelações. Assim, ele constata que:

“O humano só pode ser compreendido pelo humano – até onde pode ser compreendido – e compreensão importa em maior ou menor sacrifício da objetividade à subjetividade. Pois, tratando-se de passado humano, há que se deixar espaço para a dúvida e até

para o mistério.” (Freyre, 2004, p. 40-41)

Do ponto de vista do seu legado intelectual, vale ainda ressaltar que Gilberto Freyre desfrutou de uma longa experiência na cultura americana, em particular junto à Universidade de Columbia (Universidade em que o filósofo John Dewey desenvolveu, naquela época, a maior parte das suas atividades de ensino e pesquisa); Foi precisamente nessa instituição que Gilberto Freyre, também, coincidentemente, tornou-se aluno de Franz Boas, sobre o qual chegou a declarar em “Casa-Grande Senzala” ter sido: “O Professor Boas a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão”; todos esses fatos conduzem a algumas inferências de que o Pragmatismo, sobretudo na forma concebida por James e por Dewey, então em plena efervescência no período em que Gilberto esteve nos Estados Unidos, tenha provocado um considerável impacto no desenvolvimento e na consolidação das suas ideias sócio-antropológicas.

A propósito, numa entrevista concedida à T.V. Cultura, em 1972, Gilberto fez uma espécie de autobiografia das suas vivências; nela ele descreveu o mundo em que se encontrava inserido e se descreveu como inarredavelmente ligado a ele, experimentando a trama das contínuas e paradoxais mutações que a cada momento afetavam as suas relações com o meio-ambiente, provocando um inconcluso e contraditório desejo de acompanhar e simultaneamente mudar o ritmo desse fluxo, o que sugere uma certa analogia entre as experiências apresentadas por Freyre nesse depoimento e a reflexão de James, estribada no seu empirismo radical, desenvolvida em sua obra “A Pluralistic Universe”. Ouça-se o seu depoimento:

“Não sei definir-me. Sei que sou um *eu* muito consciente de si próprio. Mas esse *eu* não é um só. Esse *eu* é o conjunto de *eus*. Uns que se harmonizam, outros que se

contradizem. Por exemplo, eu sou numa coisa muito conservadora, e, noutras, muito revolucionário. Eu sou um sensual e sou um místico. Eu sou um indivíduo muito voltado para o passado, muito interessado no presente e muito preocupado com o futuro. Não sei qual dessas preocupações é maior... Sou um brasileiro de Pernambuco. Gosto muito da minha província. Sou sedentário e ao mesmo tempo nômade. Gosto da rotina e gosto da aventura. Gosto dos meus chinelos e gosto de viajar. Meu nome é Gilberto Freyre." (Quintas, 2012, p. 15)

## 2. O PATRIMONIALISMO: ILUSTRAÇÃO ACERCA DE UM DILEMA NACIONAL

Apresentadas essas sucintas considerações acerca da obra de Freyre e sua pertinência com o objeto desse trabalho, passa-se agora a ilustrar e situar pragmaticamente um dos problemas crônicos que ainda hoje assola a realidade nacional e que se tornou objeto da preocupação dos cientistas sociais brasileiros acima mencionados, além de inúmeros outros. Traga-se, então, à baila o crônico problema do patrimonialismo.

A tradição cultural da nação tem, não raro, se defrontado com um persistente hábito que se infiltrou na vida nacional desde os seus primórdios. A tendência ao patrimonialismo vem estigmatizando a nação e já se tornou uma prática tão corriqueira, nomeadamente entre os políticos nacionais em todos os escalões, que se pode categoricamente afirmar ter-se institucionalizado no país, fazendo parte do seu próprio *modus vivendi* e que vem sendo praticado às escancaras pelos *donos do poder*; para usar de empréstimo a expressão de Faoro.

Essa irresistível tendência de utilizar a coisa pública, como se fora do domínio privado está diuturnamente estampado nas manchetes dos jornais, revistas e demais órgãos de comunicação falados e televisionados. Curiosamente, tais procedimentos se tornaram tão corriqueiros que os seus protagonistas sequer se reservam a espreitar momentos mais propícios para deles se servirem; ao revés, na incontida volúpia de criá-los e institucionalizá-los, os perpetra à luz do dia, aos olhos do povo, sem qualquer cerimônia .

Entender um fenômeno dessa natureza remete a um dos aspectos que merece aqui especial relevo, a saber, as origens históricas da nação e a forma como o Estado Brasileiro politicamente se organizou. Do ponto de vista das origens da nossa cultura, ao se ler, por exemplo, “Casa grande Senzala Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil” – apesar de considerada por alguns uma obra conservadora – constata-se que abrem-se ali algumas perspectivas para uma mais ampla e rica interpretação acerca das suas raízes. Quanto a organização política do Estado

Brasileiro, se procurarmos uma sólida coerência com os modelos de republicanismo até então adotados pelas nações ocidentais, observar-se-á que o caso brasileiro, numa certa medida, exhibe certas características que refogem a todos eles. Assim, a organização democrática do país, idealizada pelo Poder Constituinte, que erigiu o projeto constitucional de 1988, a rigor não foi capaz de fidedignamente modelar as nossas práticas político- institucionais. Assim, se, por exemplo, recorre-se ao clássico princípio da preservação dos interesses coletivos, a roupagem institucional brasileira se afigura sensivelmente curta, mas se, por outro lado, se apela para o modelo que institucionaliza as garantias dos interesses e dos direitos individuais, nesse caso, o figurino parece exceder à modelagem. Vista historicamente, essa forma sui-generis de organização institucional brasileira contribui, cada vez mais, para o enraizamento da corrupção, encontrando nas palavras de José Murilo de Carvalho uma fidedigna descrição:

“Na concepção antiga, uma república seria corrupta se

não atendesse ao interesse coletivo, se necessário, em detrimento do interesse individual. Na concepção moderna, posterior à criação da república norte-americana, uma república seria corrupta quando não garantisse a realização de interesses individuais. Nesse caso, os governantes poderiam ser honestos sem que a república o fosse, e vice-versa. Nos dois sentidos sistêmicos, pode-se dizer que a república brasileira foi corrupta desde o início, nem buscava o interesse coletivo, nem garantia a felicidade individual.” (Carvalho, 2008, p. 70-71)

Provavelmente, essa natureza híbrida do nosso sistema tornou-se um tônico estimulante para encorajar a perpetração desses atos de desfaçatez e de corrupção, permitindo, inclusive, que a sua impunidade olímpicamente se torne um hábito rotineiro; enquanto isso, a nação brasileira, extasiada e sobretudo alienada, assiste impotente a sua própria degradação. Estado de coisas que nostálgica e simbolicamente evoca as palavras de Disraeli quando este pensador apresentava, como alternativa do povo britânico, o argumento de que “a sorte da Inglaterra é que nela os homens de bem têm mais coragem do que os canalhas”.

Para esses indivíduos, usar a coisa pública em seu próprio benefício, nada mais natural! Não é sem motivo que o país tem recebido epítetos como: o país do jeitinho, do carnaval e do futebol, características que apontam enfaticamente para o traço dionisiaco do povo brasileiro, que, embora sendo apenas um traço, tem sido sobretudo enfatizado, a ponto de simbolizar o cerne da nossa cultura; procurar entender suas razões mais profundas é

algo que a classe política em geral não têm nenhum interesse de investigar e, muito menos, de abolir. Muito pelo contrário, são eles os seus mais conspícuos artífices e usuários. Todavia, o seu diagnóstico tem sido, por outro lado, objeto de profundas críticas e reflexões; só que por parte de acadêmicos e intelectuais do porte dos já aqui mencionados; entretanto, a análise das suas consequências e efeitos práticos – de acordo com a conhecida máxima pragmática que preconiza a indissociação entre teoria e prática – o problema persiste e sua superação resta inconclusa. Isso porque tais diagnósticos, apesar de muitas vezes logicamente precisos, não são capazes de produzir ações eficazes que possam intervir no seu curso e fazer cessar os seus efeitos; ficam, assim, praticamente, poder-se-ia dizer, reduzidas à esfera dos interesses acadêmicos,

Não obstante, não deixa de ser promissor que, agora, em pleno século XXI, estejamos, alvissareiramente, presenciando recentes episódios que esboçam uma certa tomada de consciência uma dose de

inconformação popular com a letargia administrativa, a conivência, a incompetência, o descaso e os altíssimos níveis de corrupção dos governantes e suas bases político-partidárias; fatos que vêm, sobretudo, provocando um sensível impacto na vida política e sócio-institucional da nação brasileira.

Contudo, é importante enfatizar que não é só prudente mas imperativo, analisar percucientemente essas atuais mobilizações populares, contrastando-as às variadas forças históricas que, ao longo da história institucional brasileira atuaram, ora como barreiras às aspirações populares por mudanças, ora, em outras circunstâncias, chegando mesmo hipoteticamente a representar novas e mais ricas possibilidades de renovação. Esse cotejo terá, figurativamente, a função de um termômetro a aferir os rumos do nosso processo cultural e, dessa forma indicar em que medida e direção esse embate estaria contribuindo ou não para alternativas mais promissoras.

Em síntese, o que aqui se supõe é que esse traço cultural tem raízes em práticas

historicamente longínquas; numa herança que remonta às tradições enraizadas no seu próprio passado, na saga dos conquistadores e nas vetustas tradições coloniais. Contudo, para que se possa promover a integração entre teoria e prática seria necessário, preceder o processo com um prelúdio interpretativo cujo propósito seria o de lançar, lógica e compreensivamente, luz mais esclarecedora sobre a natureza e as razões desses fenômenos, instituindo-se em sucessivo, planos de ação destinados a, senão extinguir pelo menos minimizar, os perniciosos efeitos dessa herança.

Por fim, para tornar efetivos esses planos de ação, um pressuposto se afigura indispensável: o de introduzir, metodologicamente, uma abordagem interdisciplinar, envolvendo intelectuais, acadêmicos, políticos e especialistas das diferentes áreas do saber humano; mas, além disso, e em conformidade com as regras do jogo democrático incitadas ao pragmatismo de James e de Dewey, é imperativo também introduzir a

participação democrática direta e atuante da comunidade nacional.

Finalmente, não poderia faltar a essa análise a premente e indispensável ênfase que se deve atribuir ao papel da educação, *conditio sine qua* ao exercício das práticas democráticas. Como elemento formador de uma nova mentalidade, prioritariamente direcionada ao exercício da cidadania a educação é, em breves palavras, o veículo pelo qual o sistema qualitativamente apto à preparação, simultânea, articulada e solidária de profissionais capacitados e, simultaneamente cidadãos conscientes do seu poder e dever de participar ativamente da vida política nacional. O papel de educação é sobretudo tão crucial à implementação de uma filosofia do Direito e do Estado de natureza democrática que valeria a pena, para concluir essas breves considerações acerca dos problemas nacionais brasileiros, auscultar os argumentos que, a esse respeito, o filósofo pragmático John Dewey apresentou na sua obra “Democracy and Education. Segundo ele:

“If we are willing to conceive education as a process of forming fundamental dispositions, intellectual and emotional, toward nature and fellow men, philosophy may even be defined *as the general theory of education*. Unless a philosophy is to remain symbolic – or verbal – or a sentimental indulgence for a few, or else mere arbitrary dogma, its auditing of past experience and its program of values must take effective in conduct. Public agitation, propaganda, legislative and administrative action are effective in producing the change of disposition which a philosophy indicates as desirable, but

only in the degree in which they modify mental and moral attitudes."

(Dewey, 1961, p. XXX)<sup>1</sup>

### 3 PROBLEMAS DE NATUREZA CULTURAL EM DOIS OUTROS ESTUDOS DE CASO: O JAPÃO E A ALEMANHA

Tratando-se, como efetivamente se trata o presente estudo, de uma tentativa de perspectivar problemas filosófico-jurídicos, sob um enfoque pragmático multicultural, pareceria um tanto paroquial e sobretudo incoerente ater-se apenas à situação brasileira, sem fazer referência a outras culturas que, diferentemente desta, suscitam, pela sua própria maturidade

---

<sup>1</sup> “Se quisermos conceber a educação como um processo de formar atitudes fundamentais, de natureza intelectual e sentimental, perante a natureza e os outros homens, pode-se até definir a filosofia como a teoria geral da educação. Sempre que uma filosofia não se limitar a permanecer simbólica – ou verbal - ou um deleite sentimental para poucos, ou então como meros dogmas arbitrários, seu exame da experiência passada e seu programa de valores devem influir na conduta. A agitação popular, a propaganda, a ação legislativa e administrativa, são eficientes para produzirem a mentalidade que uma filosofia indica como desejável, mas somente na medida em que são educativas – isto é, em que modificam a atitude mental e moral.”

histórica e em razão do progresso científico, social e econômico que as coloca hoje dentre as mais ricas e amadurecidas nações do planeta, complexos e por vezes aporéticos problemas e enigmas que se camuflam nas origens históricas que forjaram o seu passado. Nesse sentido, far-se-á referência, agora, a dois sistemas culturais: um de origem asiática: o Japão e o outro vinculado à tradição europeia: a Alemanha.

Tais referências inspiraram-se, em parte, nas investigações do Pesquisador polonês George Bereday, Professor da Universidade de Columbia, que trouxe à colação casos de alta complexidade cultural, para efeito de ilustrar técnicas de interpretação cultural. (Cf. Bereday, 1972)

a – Numa cultura tão complexa e hermética como a japonesa, por exemplo, respostas aos seus dilemas culturais estrita e deterministicamente compartimentalizadas e pautadas pelos modelos típicos da lógica ocidental se afiguram completamente insatisfatórias. Necessário se torna acessar a um nível de investigação mais profundo, a uma compreensão mais aberta das suas variáveis

históricas, através de uma visão multicultural mais interativa, que permita abranger as milenares tradições estéticas e filosófico-religiosas daquele povo. Vislumbrar, em síntese, as formas de absorção e metabolização dos elementos intrínsecos e extrínsecos à sua cultura, em particular no contexto da vertiginosa evolução científico- tecnológica que a afetou. Com isso, provavelmente se possa melhor compreender, se e em que medida, o bailado dessas recíprocas e, em alguns aspectos, contrastantes forças culturais tenha produzido rupturas com as milenares tradições do seu passado.

Fica, desse modo, claro que não se poderia entender o Japão apenas através da sua recente modernidade, do seu fantástico progresso científico e tecnológico o qual o coloca num dos patamares desenvolvimentistas mais altos do planeta. Nem, tampouco, através de uma retrospectiva tentativa de descrever histórica e linearmente o seu passado, berço no qual foram acalentadas as suas mais arraigadas tradições milenares, responsáveis, ainda hoje,

por uma parcela substantiva dos seus atuais padrões cultura. Mister se faz, então, entrelaçar todas essas variáveis, tentando colocar-se na perspectiva do observado, da sua psicologia e do seu meio-ambiente e não na de um imparcial observador; esta última tão ao gosto de certas concepções empiristas e positivistas da moderna sociologia funcionalista ou estruturalista, que encontram nas obras de Émile Durkheim, Talcott Parsons ou Radcliffe-Brown, por exemplo, ampla aceitação. Concepções que confundem função e finalidade dentro da instituição social, preocupadas apenas em estabelecer linearidades que, eventualmente, vão desembocar num determinismo histórico. Concepções que, por fim, se opõem à abordagem fenomenológica, recepcionada neste trabalho.

Somente para efeito de argumentar, sem se ter a pretensão de retroceder e investigar às milenares tradições japonesas, as suas castas sociais, a figura do samurai, soldado nobre que a reforma Meiji extinguiu, há, com efeito, problemas que não podem ser explicados apenas em função da *fitness* do seu sistema educacional,

nem muito menos pela funcional absorção das suas multifacetadas influências tradicionais ou modernas, ou ainda pela interveniência de forças adventícias que a nação japonesa eventualmente assimilou, e sim de uma inteligente e criativa capacidade de sopesar, criticamente o papel e a função de todos esses elementos e forças, num contínuo processo de interação entre eles; É preciso, portanto, ir mais fundo no caldeirão das experiências desse povo; cortando, como *conditio sine qua*, os elos que submetem os elementos psicológicos, volitivos e oníricos à camisa de força da lógica. É fundamental que se permita conduzir a consciência ao *eidos*, à essência dos fenômenos, sem, com isso, desprezá-los. Como esclarece o próprio Pierre Thévenaz, trata-se de um voltar-se sobre o objeto “Wendung zum Objekt” para ir ao encontro das coisas elas mesmas “Zu den Sachen selbst”.<sup>2</sup>

O Japão foi, e de certo modo ainda é, historicamente, um país hermético aos olhos ocidentais. O recurso à fenomenologia se afigura

---

<sup>2</sup> Thévenaz, Pierre, op. cit. p.41

então como condição de possibilidade para apreender algumas das suas características genuínas e a forma como elas se combinam entre si, no complexo do seu universo cultural. Atitude que requer um misto de simpatia, curiosidade e espírito crítico capaz de entrelaçar, como um fio condutor, as suas diferentes manifestações de natureza religiosa, ética e estética tornando assim mais compreensível o seu próprio *ethos*. Há, com efeito, só para exemplificar, aspectos daquela cultura, cujas intrigantes e nebulosas conexões, apresentam-se praticamente veladas a olhares adventícios. Por exemplo, na visão oriental de mundo não há ações radicalmente autônomas nas quais os indivíduos sejam pessoalmente e exclusivamente responsáveis; o que há é uma espécie de sentimento coletivo, segundo o qual a ação de cada um se consubstancia num ato de responsabilidade de todos; como então fazer inferências, tomando por base esse modo de conceber o self do homem japonês e que dizer da sua percepção do outro e do mundo, numa dimensão política, ou religiosa? Que dizer

sobre a crença na infalibilidade do Imperador diante desse modo de ser e da histórica admissibilidade da inquestionável liderança política e espiritual do seu líder? Qual o significado das suas orações que, diferentemente dos nossos cultos, pretende despertar o Deus que está adormecido dentro de cada um de nós e não considerá-lo como algo exterior aos homens? Qual, por exemplo, o papel e a função que a estética dos arranjos florais exerce no modo de ser do homem japonês e que tipo de sintonia eles mantém com os elementos da natureza? Ou, ainda, qual o significado espiritual e a sua função social das cerimônias do chá na estrutura de classes daquela cultura; ou finalmente, de um ponto de vista literário, como a poesia *hai-kai* simbolicamente expressa os seus sentimentos, paixões e idealizações oníricas? Todas essas variáveis culturais que desempenharam e ainda desempenham até hoje, um papel e uma função relevantes na formação da mentalidade do povo japonês, nas suas atitudes, valores e visão de mundo merecem uma percuciente investigação. São respostas que suscitam –repita-se – um

mergulho profundo na sua identidade cultural, estratégia que os antropólogos, por excelência, poderiam sobremodo contribuir para a sua elucidação.

b -Como explicar,histórica e culturalmente, certas tendências do povo alemão, relativas à sua alta capacitação científica e tecnológica, associadas ao seu refinado gosto pela literatura e pelas artes em conjunção com a sua inclinação de direcioná-las a fins armamentistas e bélicos? Trata-se, outrossim, de outra questão intrigante! Compreendê-la, de forma análoga àquela acima referenciada, seria impossível, caso não se levasse na devida consideração certas circunstâncias culturais inerentes à história daquela cultura.

Observe-se a problemática, por exemplo, ponto de vista jurídico; o direito, durante o advento de nacional-socialismo, seguiu a trilha do pragmático princípio do *rebus sic stantibus* e assim, foi capaz de promover uma meteórica recuperação econômica e social da Alemanha e do nível de bem-estar social do seu povo, então literalmente arrasada, nomeadamente em

virtude das sanções que lhe foram impostas, através do tratado de Versailles ao término da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, paralelamente, essa mesma legislação foi colocada a serviço de um racismo intolerante que culminou com a famigerada “solução final” responsável pelo extermínio de seis milhões de pessoas.

Em que medida seria possível então ter uma visão mais acurada dessas paradoxais tendências? Que disposições temperamentais e heranças culturais atávicas, encravadas ao longo das experiências históricas do povo germânico, seriam responsáveis por atitudes tão díspares? Como explicar, nesse contexto que o mesmo direito que viabilizou a ascensão econômica e social pudesse servir logicamente de justificativa para abomináveis práticas anti-humanitárias. Como, mediante um cotejo dessas múltiplas e desencontradas forças, delinear perspectivas que permitissem ampliar o horizonte do seu entendimento?

Para tentar melhor compreender a idiossincrasia germânica não seria, por exemplo,

importante investigar mais detidamente qual a relação entre os sentimentos de predestinação, heroísmo, obstinação e dramaticidade do povo alemão e suas correlações com a forma, por exemplo, como o seu romantismo foi concebido? Como inserir nesse contexto o papel do “Sturm und Drang” (Tempestade e Ímpeto); movimento literário, caracterizado por um voluntarismo associado a instintos primitivistas, a uma religiosidade, cuja mística está entrelaçada às lendas, tudo com o propósito de exaltar a idolatria à subjetividade e, desse caldeirão de paroxísticas emoções, violentas, paixões e amores desesperados, trazer, por vezes, à tona trágicos desfechos que só a morte representaria o amargo mas verdadeiro remédio? Ilustram essas descrições o conhecido romance “Die Leiden des Jungen Werther”, de Goethe. Obra que, simbolicamente, exhibe uma indeclinável tendência a uma ética de natureza puramente subjetiva, o que, numa considerável medida, analogamente remete ao imperativo categórico de Kant. Um heroísmo que se consubstancia pela renúncia aos apelos mundanos que,

conduz a um sentimento de trágica predestinação da vida; Romance que, em função do desarrazoado tumulto de desencontradas emoções que soube esteticamente produzir, teve tal impacto que foi capaz de provocar inúmeros suicídios. *Modus in rebus*, essa literatura também serviu para simbolizar, na eclosão desses tumultuados e por vezes contraditórios sentimentos, outras encarnações heroicas como ainda no caso do Segundo Fausto, aspirando, ardentemente o domínio total e permanente da vida eterna acima dos limites de toda a realidade, materializando, assim, subjetivamente, idealizações oníricas. Representações do próprio espírito alemão que, ao sabor desses extravasamentos de conotação estético-literárias, se colocam numa encruzilhada que oscila entre a exaltação ao desespero e a sua superação; uma incontrolável ânsia de, ao mesmo tempo, negar e exaltar a racionalidade.

Não menos relevantes, as sinfonias de Beethoven, inspiradas nos ideais da Revolução Francesa e a Queda da Bastilha, representam uma simbólica elegia dessa exaltação à

liberdade, tanto na música quanto na política, correspondendo, desse modo, a um novo ingrediente a integrar-se a essa já complexa porção cultural. Nele há uma íntima relação entre o idealismo e o heroísmo, religiosidade e poder e a sua música, como afirmou Wilfrid Mellers.<sup>3</sup> “unless we recognize that for him music was not merely an aural means of self-expression; it was also a moral and ethical Power.”<sup>4</sup>

Não menos pertinente a toda essa abordagem fenomenológica, situa-se, no plano da ópera alemã, as composições de Wagner, artisticamente retratando o heroísmo dos grandes ícones do imaginário cultural daquela nação. Por exemplo, a sua epopeica *Die Walküre* – segunda das quatro partes que integram o complexo da “*Der Ring des Nibelungen*”. Nela, a figura de Siegfried, representa a encarnação desse admirável herói que desconhecia o medo. Imaginado por Wagner – alega-se, sob a influência de

---

<sup>4</sup> Orga, Ates “Beethoven his life and times” Paganiniana Publications New Jersey, 1980, p.61

Feuerbach – Wagner exalta o homem fluindo potencialidade, sem temor da morte para haurir a vida em toda a sua plenitude. Siegfried simboliza a vitória; por ter sido o único capaz de forjar uma inquebrantável espada, consegue, com ela, matar Fafner, o dragão, cujo sangue untou o seu corpo. De imediato, Siegfried leva a mão à boca o que lhe confere o poder de escutar o canto dos pássaros, bem como o de ler pensamentos, antecipando acontecimentos futuros. Episódios que pretendem metaforicamente simbolizar, através do corpo do herói, a própria invencibilidade da nação alemã, mas que, por uma sutil incompletude, eventualmente desmorona a sua gloriosa trajetória, quando, o insidioso Hagen, através de uma porção mágica, faz com que Siegfried esqueça o seu genuíno amor por Brünnhilde e se apaixone por Guttrune, irmã de Gunther. Destroçada por um ciúme doentio, Brünnhilde informa a Hagen existir nas costas de Siegfried, desde o nascimento, um ponto vulnerável desprotegido da magia que blindara o seu corpo. Hagen, então, durante uma caçada, consegue

desviar a atenção do herói e introduzir a sua lança, matando-o para impor o trágico desfecho que vai sepultar a sua invencibilidade.

John Dewey, na sua obra “German Philosophy and Politics”, ao correlacionar o papel da ópera de Wagner e sua influência no governo do Terceiro Reich, diz o que se segue:

“The writings of Richard Wagner, in his return to primitive Teutonic mythology, probably have had more influence in giving shape to Hitler’s hopes and ambitions than that of any other person.”  
(Dewey, 1970, p. 38)<sup>5</sup>

E, acerca da forma como a religião se inseriu nesse contexto cultural, ressalta Dewey, remonta às atividades de trabalho, em particular dos camponeses, que, para além da superficialidade do Cristianismo, representam

---

<sup>5</sup> As obras de Richard Wagner na sua retomada à mitologia primitiva Teutônica, provavelmente teve mais influência para dar o formato às esperanças e ambições de Hitler do que as de qualquer outra pessoa.”

uma reminiscência, um retorno às suas origens atávicas. No que concerne à peculiaridade do espírito religioso dessa mesma população alemã campesina, Dewey, se serve do próprio depoimento pessoal de Hitler sobre ela<sup>6</sup>:

“At all events, the saying of Hitler, reported by Rauschning, about the coming revival of the early nature worship of the German people reads like an almost literal reminiscence of the prophetic vision of Heine. For after Rauschning had

---

<sup>6</sup> “Em qualquer circunstancia as palavras de Hitler, relatadas por Rauschning, acerca do iminente renascimento da natureza primitiva das atividades do povo germânico é vista como uma quase literal reminiscência da profética visão de Heine. Porque, após Rauschning ter dito que os campesinos do seu distrito retinham por baixo da superfície do Cristianismo crenças inerentes a períodos anteriores, Hitler redarguiu: ‘Isso é o que eu estou contando. Nossos camponeses não esqueceram sua verdadeira religião. Ela estava meamente encoberta... Eles irão saber que a Igreja Cristã sonegou deles a totalidade secreta do conhecimento da natureza, do divino, do que não tem forma, do demoníaco.’”

said that the peasants of his district retained below the surface of Christianity beliefs inherited from olden times, Hitler replied "That's what I'm counting upon. Our peasants have not forgotten their true religion. It is merely covered over... They will be told what the Christian Church has deprived them of – the whole secret knowledge of nature, of the divine, the shapeless, the demonic." (Dewey, 1970, p. 39)

De modo geral, não se pode deixar de reconhecer que Dewey estava correto quando admitiu que as óperas de Richard Wagner espelhavam um legendário mundo germânico representando um culto à antiguidade da nação alemã. Entretanto, segundo alguns historiadores abalizados seus simbólicos relatos pouco tinham

a ver com a verdadeira história primitiva da nação. Mas, não há dúvidas – reconheça-se – de que o impacto desse romantismo extravagante acarretou, faticamente, consequências políticas que vieram a se trazer resultados funestos àquele país, particularmente em relação à sua influência nos mentores do nacional socialismo, encarnado por Hitler e seus seguidores.

Atribui-se a Hitler, por exemplo, que, ao exaltar a invencibilidade do povo alemão, ele argumentava que só uma traiçoeira punhalada pelas costas poderia provocar a derrota da Alemanha.

Este singelo estudo de caso – guardadas as suas peculiaridades em relação aos anteriores – sugere uma sintética interpretação dos argumentos aqui apontados para, numa tentativa de contextualizá-los e relacioná-los, histórica e culturalmente, ampliar o horizonte compreensivo do modelo jurídico e político-institucional formalmente instituído pelo Estado alemão, na primeira metade do século XX. Assim, os crimes e atrocidades praticados pelo III Reich, através da guerra indiscriminada e da sua

justificação, com base nos hegemônicos objetivos políticos internos e externos; a proposta de extermínio de raças consideradas inferiores, como os eslavos e judeus ; o uso do falacioso argumento da imperativa necessidade de sobrevivência geográfica (invocada com base no argumento jurídico do estado de necessidade), tudo isso, associado à uma fanática receptividade por uma parcela significativa da população, particularmente a juventude, parece deitar suas raízes psicológicas, sociais e morais em alguns traços da sua herança cultural aqui sugeridos.

Oportuno seria ainda remeter às considerações apresentadas por outro pensador de viés pragmático: George Santayana, acerca da herança cultural germânica. Referindo-se ao autoritarismo do Estado alemão no século XIX, emoldurado por Bismarck, Santayana faz um diagnóstico que, não obstante o realismo cáustico que impregna o seu relato, é consensualmente reconhecido como uma das mais sérias e consistentes interpretações da cultura germânica. Na sua opinião se fosse

possível sumarizar a essência daquela cultura ela se traduziria num binômio: “subjectivity in thought and willfulness in morals.” O que evoca, numa considerável medida, os aforismos de Friedrich Nietzsche.

Escrita em Oxford, a obra de Santayana, intitulada “The German Mind” veio à luz no curso da Primeira Guerra Mundial. Segundo ele<sup>7</sup>:

---

<sup>7</sup> “A teoria transcendental de um mundo meramente imaginado pelo ego, e uma vontade que julga a si própria absoluta são certamente ilusões desesperadoras; mas não mais desesperadoras ou ilusórias do que muitos outros sistemas que milhões têm sido conduzidos a aceitar. A coisa se assemelha por todas as suas características a uma nova religião. O fato de que as religiões estabelecidas na Alemanha são ainda formas de Cristianismo pode obscurecer o explícito e fervoroso caráter de uma nova fé. Ela simula uma desbotada especulação, ou mesmo as crenças de alguns extremistas, quando na realidade ela domina o julgamento e a conduta da nação. Nenhuma tirania religiosa pode ser mais completa. Ela tem seus profetas nos grandes filósofos e historiadores do século passado.; seus eminentes padres e fariseus no governo e entre os professores.; sua fanática legião na massa disciplinada da nação; seus heréticos entre os socialistas; seus tapeadores entre os Católicos e os liberais, ambos fieis ao credo nacional, mas se eles pudessem entender isso seria uma abominação. Existem os seus mártires agora beirando um milhão, e as vítimas entre os que não acreditam se tornam cada vez mais numerosas, porque suas vítimas numa certa medida são todos os homens.”

“The transcendental theory of a world merely imagined by the ego, and the will that deems itself absolute are certainly desperate delusions; but not more desperate or deluded than many another system that millions have been brought to accept. The thing bears all marks of a new religion. The fact that the established religions of German are still forms of Christianity may obscure the explicit and heathen character of the new faith ; it passes for a faded speculation, or for the creed of a few extremists, when in reality it dominates the judgment and conduct of the nation.

No religious tyranny could be more complete. It has its prophets in the great philosophers and historians of the last century; it high priests and pharisees in the government and the professors; its faithful flock in the disciplined mass of the nation ; its heretics in the socialists ; its dupes in the Catholics and the liberals, to both of whom the national creed , if they understood it, would be an abomination. It has its martyrs now by the milion, and the victims among unbelievers are even more numerous, for its victims, in some degre, are all men." (Santayana, 1968, p. viii-ix)

Concluindo, ao direcionar metodologicamente o olhar, à busca dos fios que compõem o pano de fundo tecidual da nação alemã, poder-se-ia, através das rápidas incursões sobre os ingredientes culturais nela presentes, delinear alguns insights, com base nas formulações metodológicas do pragmatismo interdisciplinar e em consonância com as preocupações de fundo epistemológico que caracterizam o método fenomenológico - ou seja - sua busca pelo *Zu den Sachen*, clarear um pouco mais a percepção sobre esse embaralhado e confuso bordado que é a cultura germânica.

Todas essas reflexões conduzem à constatação, de que o pragmatismo caracteriza-se por admitir, ser o conhecimento humano algo que está permanentemente sujeito a incompletudes, dúvidas, em síntese, perplexidades. Perplexidades que, mesmo enquanto vistas sob a ótica do pensamento reflexivo, podem ser humana e racionalmente melhor compreendidas, embora, em nenhuma hipótese, plenamente exauridas. Daí porque, ter Gilberto Freyre com rara felicidade, como se viu

acima, consignado que no estudo da história do homem “há que se deixar espaço para a dúvida e até para o mistério.”

Por fim, com o propósito de sintetizar essas considerações finais, seria igualmente oportuno salientar como, do ponto de um ponto de vista metodológico interdisciplinar, se torna relevante destacar o papel da literatura, como uma força criativa crucial à formulação de todo o conhecimento humano, seja qual for a sua natureza. O uso da estética e da literatura foi, desde as origens do pragmatismo, um recurso imprescindivelmente presente, às suas mais caras intuições. Nenhum pensador confirmou melhor essa assertiva do que aquele que foi considerado o pai do pragmatismo moderno e seu principal formulador do ponto de vista lógico-metodológico: Charles Sanders Peirce.

Assim é que, com base nessas ponderações e antes mesmo de enunciar conclusivamente os resultados a que esta pesquisa conduziu, decidiu-se utilizar o recurso literário para, de forma elegante, ilustrar e ao

mesmo tempo conduzir ao desfecho esta exaustiva análise.

Invoca-se, então, nesta oportunidade uma das obras daquele a quem Harold Bloom intitulou “o inventor da humanidade”: William Shakespeare. Shakespeare melhor do que ninguém soube, estilística e literariamente, sintetizar, na sua conhecida tragédia Hamlet, essa perene perplexidade que circunda o conhecimento humano. Nela, o Príncipe dinamarquês, argumentando sobre a fragilidade da filosofia e a sua impotência diante dos mistérios insondáveis que desafiam as nossas convicções e crenças, após falar com o espectro do seu pai que lhe conta a verdade sobre o mentor da sua traiçoeira morte, faz com que Marcelo e Horácio, seus fiéis amigos, jurem não revelar nada do que viram; nesse momento, Horácio, perplexo diante daquele insondável mistério, então afirma: “Ó day and night, but this is wondrous strange!” Ao que Hamlet replica: “There are more things in heaven and earth, Horacio, than are dreamt of in your philosophy.”

## REFERÊNCIAS

BEREDAY, George. **Método comparado em educação**. São Paulo: EDUSP, 1972.

CARVALHO, José Murilo. Quem transgride o quê? In CARDOSO, Fernando Henrique; MOREIRA, Marcílio Marques (orgs.). **Cultura das transgressões no Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2008.

DEWEY, John. **German philosophy and politics**. New York: Books for Libraries Press, 1970.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**. São Paulo: Global, 2004.

ORGA, Ates. **Beethoven**, his life and times. New Jersey: Paganiniana, 1980.

QUINTAS, Fátima. **As melhores frases e Casa-Grande Senzala**. São Paulo: Global, 2012.

SANTAYANA, George. **The German Mind**. A philosophical diagnosis. New York: Thomas Y. Cromwell Co., 1968.